

# NOTAS ETIMOLÓGICAS: A ORIGEM DE *DOMINGO*

## ETYMOLOGICAL NOTES: THE ORIGIN OF *DOMINGO*

ANTÓNIO RIBEIRO REBELO

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

amrr@fl.uc.pt

ORCID.ORG/0000-0002-1376-2704

ARTIGO RECEBIDO A 21/02/2018 E APROVADO A 23/03/2018.

**Sumário:** A etimologia e o significado da palavra *Domingo* provêm de características específicas do latim dos Cristãos. Assim aconteceu em outras línguas românicas, dependendo também do género da palavra latina *dies*. Este estudo procura explicar, assim, as diferentes evoluções linguísticas para este vocábulo em várias línguas românicas.

**Palavras-chave:** *Domingo*; latim dos Cristãos; *dies*; adjectivo relational; genitivo possessivo.

**Abstract:** The etymology of the word “Domingo” (“Sunday” in Portuguese and Spanish) is derived from the Latin of the Christians, as it was also the case in other Romance languages, depending on the gender of the latin word *dies*. Therefore, this study tries to explain the different linguistic evolutions of this word in several Romance languages.

**Keywords:** *Domingo* (Sunday); Latin of the Christians; *dies*; relational adjective; possessive genitive.

No latim arcaico subsistia uma prática que provinha do indo-europeu: o recurso ao adjectivo relacional em vez do genitivo de especificação ou de posse, como se viria a tornar comum no latim clássico. Esta tendência voltaria a ser retomada no latim vulgar, no latim dos cristãos e no latim tardio.

De facto, nos tempos arcaicos, a pertença ou a posse era expressa ou por um adjectivo ou por um substantivo em genitivo: e.g. *regia domus* e *regis domus* significavam o mesmo. Como é habitual, as reminiscências mais arcaicas perduram em expressões usadas com maior frequência (e.g. *pater familias*). Como bem sublinha Veikko Väänänen (1981: 156), o adjectivo, enquanto epíteto, prevalece quando se trata de nomes de divindades ou de personagens importantes. Assim, temos *Campus Martius*, *uirgo Vestalis*, *uia Appia*, etc. (mas *aedes Martis*, *aedes Vestae*, etc.). Combinações de adjectivos com substantivos, do tipo *terra hostilis* (território do inimigo) estão no mesmo plano de expressões modernas tais como “palácio real” ou “visita presidencial”.

74

Trata-se de um fenómeno ainda hoje muito comum. O falante emprega um adjectivo relativo, relacional ou possessivo, que se forma a partir de um nome, não para exprimir uma qualidade, mas para estabelecer ou exprimir uma relação com esse nome (ou conceito ou acção), uma relação que pode ser de pertença, origem, proveniência...<sup>1</sup> Ninguém questiona, por exemplo, que o *poder régio* seja equivalente a *poder do rei*, i.e., que pertence ao rei. Do mesmo modo, um *alvará régio* é um *alvará do rei*, que vem do rei ou que nele tem a sua origem.

Mas vejamos alguns exemplos ainda mais recorrentes nos dias de hoje. Quando falamos da comunidade *universitária* ou do estudante *universitário*, o adjectivo está a ser usado em vez do determinante, que,

---

<sup>1</sup> Os Alemães são muito precisos na terminologia gramatical e designam este tipo de adjectivos de várias formas: *Zugehörigkeitsadjektiv*, *Relationsadjektiv*, *Bezugsadjektiv*, *relatives Adjektiv*. Se não for tanto a relação, mas a posse que esteja em evidência, também ocorre a designação respectiva: *possessives Adjektiv*, aliás comum em muitas outras línguas.

em latim, se traduz pelo genitivo: “da Universidade”. Do mesmo modo, um desfile *militar* é um desfile de *militares*.

O assunto foi estudado pelos maiores estudiosos de latim tardio (e.g. Einar Löfstedt) e de latim dos Cristãos, sobretudo os grandes especialistas da famosa escola de Nimega (Jozef Schrijnen e Christine Mohrmann e.o.)<sup>2</sup>.

Estas características arcaicas terão sido recuperadas mais tarde e o latim dos Cristãos desenvolveu essas tendências, latentes na língua comum. Tornaram-se frequentes expressões do tipo *lex diuina* (*Dei*); *iudicia humana* (*hominum*); *bellum ciuile* (*ciuium*). Outros autores, sobretudo da fase de transição, como Lactânncio, tentaram evitar ir por aí, preferindo a sintaxe clássica. Porém, num autor de assumida formação clássica, como foi Santo Agostinho, deparamos com muitas expressões deste género: *diuina gratia*; *diuina lex*; *diuina misericordia*; *diuinum auxilium*; *diuina prouidentia*; *diuina auctoritas*; *diuina iussio*; *diuina mandata*; *diuina praescientia* (todas elas respigadas na sua *Cidade de Deus*).

Os adjectivos formados com o sufixo *-icus* são da preferência particular dos Cristãos. Em latim clássico, o sufixo *-icus* estabelece uma relação de pertença a algo. Por exemplo, *ciuicus* qualifica algo que diz respeito ao cidadão (*ciuis*); *rusticus* considera o que diz respeito ao campo (*rus*); *bellicus* estabelece a mesma relação com a guerra (*bellum*).

No latim dos Cristãos, além de expressões do tipo *cultus diuinus* (= *cultus Dei*) encontramos muitos adjectivos formados com o sufixo *-icus* em vez do genitivo do respectivo substantivo. Neste sentido de que *traditio apostolica*, por exemplo, equivale a *traditio Apostolorum*, encontramos muitos outros casos análogos: *angelicum gaudium*, *spiritus propheticus*, *leuiticum ministerium*, *Sedes Apostolica*... Numa das suas cartas, Santo Agostinho fala da igreja de Roma, *in qua semper apostolicae cathedrae uiguit principatus* (“onde sempre esteve em vigor o principado da cátedra apostólica”; PL 33, *Epist.* 43,7), numa referência óbvia à “*cathedra*

---

<sup>2</sup> Vd. sobretudo a excelente análise desta questão em Mohrmann 1958: 169 ss.

Petri”. Na *Cidade de Deus*, por exemplo, são recorrentes expressões como: *apostolicae litterae; apostolica sententia; apostolica auctoritas, evangelica vox; evangelica parabola,...* Ora, é nesta perspectiva que Santo Agostinho fala também da *dominica passio* (a paixão do Senhor) ou da *dominica oratio* (oração do Senhor, isto é, o Pai Nosso).

Na linguagem dos Cristãos, o adjectivo *dominicus* é utilizado recorrentemente para substituir o genitivo *Domini*. A combinação deste adjectivo com *dies* revela-se uma das expressões mais usadas para designar o “dia do Senhor”, o Domingo, tal como clarifica S. Gregório Magno: “*dies dominicus, qui tertius est a morte dominica*” (o Domingo (o dia do Senhor), que é o terceiro desde a morte do Senhor)<sup>3</sup>. Como é sabido, Cristo ressuscitou ao terceiro dia depois da sua morte, o primeiro dia da semana.

S. Jerónimo interpretava assim o significado da expressão: “*Dies dominica, dies resurrectionis, dies Christianorum, dies nostra est. Vnde et Dominica dicitur: quia Dominus in ea uictor ascendit ad Patrem*”<sup>4</sup> (o Domingo, o dia da ressurreição, é o dia dos Cristãos, é o nosso dia. Daí que se chame Domingo: porque foi nesse dia que o Senhor subiu vitorioso para junto do Pai).

Outro fenómeno que devemos ter em conta é a elipse do nome, na combinatória de adjectivo com o substantivo, seguindo-se geralmente a substantivação do adjectivo. Esta tendência, onde o falante faz valer a lei do menor esforço, subsiste em todas as línguas modernas. Além do abuso na utilização de siglas e acrónimos, ocorrem elipses do género: (chemin de fer) *métro* (politain), *convertible* (car), *Panzer* (Wagen/Fahrzeug). A língua portuguesa é rica em exemplos: (artéria) *coronária*, (vinho) *tinto*, (computador) *portátil*, (glândula) *tiróide*, (aparelho) *amplificador* ...

---

<sup>3</sup> Convém informar que a expressão já se encontrava presente na Vulgata (Apc 1,11): “Fui in spiritu in dominica die...”

<sup>4</sup> In die dominica Paschae II, 52, CCSL 78 550 (PL 30, 218-219).

Ora, também em latim é muito comum depararmos com a substantivação de adjectivos que, na expressão original (latina) qualificavam o substantivo elidido. Entre os exemplos mais comuns contam-se vocábulos como Pátria < (terram/urbem) patriam; música < (artem) musicam; figueira < (arborem) ficariam; fromage < (caseum) formaceum.

Chegamos agora ao cerne da questão, em que o substantivo *dies* também foi elidido e o adjectivo se substantivou: Domingo < (diem) dominicum<sup>5</sup>.

A 1 de Fevereiro de 425, o imperador Teodósio II legislou sobre a santificação dos domingos e dias de festa, donde retiramos o início de um período: “*Dominico*, qui septimanae totius primus est dies,...”<sup>6</sup> (“No Domingo, que é o primeiro dia de toda a semana...”).

Santo Ambrósio, por exemplo, diz o seguinte a propósito do Pentecostes: “Ergo per hos quinquaginta dies ieiunium nescit Ecclesia, sicut *Dominica* qua Dominus resurrexit, et sunt omnes dies quamquam *Dominica*”<sup>7</sup> (“Por isso, ao longo destes 50 dias, a Igreja desconhece o jejum, tal como o Domingo em que o Senhor ressuscitou, e todos estes dias são como um Domingo”).

Como podemos constatar, o substantivo *dies* ora é masculino, ora é feminino, consoante os autores cristãos. Existe algum critério, alguma justificação?

Nos textos latinos mais arcaicos, a palavra *dies* é do género masculino<sup>8</sup>. Plauto é o primeiro autor a atestar o género feminino. Nas expressões formadas na fase arcaica da língua, prevalece o masculino: cf. e.g. “*dies fastus*”, “*dies ater*”, as expressões do calendário (*ante diem tertium* ... – três dias antes das calendas/nonas/idos...). O género feminino de *dies*

---

<sup>5</sup> Aliás, o grego conheceu processo semelhante. De ἡ κυριακή ἡμέρα, equivalente a ἡ ἡμέρα τοῦ Κυρίου, passamos a Κυριακή no grego moderno, para designar o dia de Domingo.

<sup>6</sup> *Cod. Theod.* 15.5.5.

<sup>7</sup> *Exp. Luc.* 8,25 (PL 15, 1772 ss).

<sup>8</sup> Sobre a questão do género de *dies*, vd. Wackernagel 2009.

explicar-se-á por analogia com os outros nomes da 5ª declinação, que eram femininos de origem. E o feminino afectaria apenas o singular, pois, à excepção de alguns casos raros, os nomes da 5ª declinação em *-ie-s* só foram usados no plural a partir do século II da nossa era.

As teorias para explicar a razão de ser do género feminino na época imediatamente anterior a Plauto são várias. A que reúne maior consenso é uma antiga tese de Kretschmer que relaciona o significado de *dies* com o de *tempestas* (fem.) um *tempo preciso, combinado* ou *aprazado* (Cícero recorre a *tempestas* com o sentido de *dia*)<sup>9</sup>. Mas, já na poesia, vemos autores como Virgílio recorrer ao feminino quando a métrica o exige. Fora isso, dão preferência ao masculino.

O género de *dies* comporta-se de modo similar no latim dos Cristãos. Se o masculino predomina, por exemplo, em Santo Agostinho, na Vulgata dá-se preferência ao género feminino. As explicações são variadas: desde o termo *feria* no latim dos Cristãos, para significar o dia da semana<sup>10</sup>, à influência do feminino do grego ἡ ἡμέρα. Não haverá uma regra mais clara que explique esta divergência?

As línguas vernáculas, designadamente as que derivam do latim, poderão dar-nos uma ajuda nesta indefinição. Através do latim vulgar, as línguas românicas formaram o substantivo correspondente a Domingo da seguinte forma: **\*Dominica(m) die(m)** (cf. o siciliano duminicadia) ou **\*Dominicu(m) die(m)**. Assim se justifica a evolução para português ou para castelhano: *Domicu(m) > Domin(i)cu(m)* (onde ocorre uma

---

<sup>9</sup> Kretschmer (1909).

<sup>10</sup> *Feriae*, no latim clássico, pagão, era um *plurale tantum*, que significava o dia de descanso, destinado ao tempo livre, aplicando-se também aos feriados (religiosos). O singular só passa a ser utilizado pelos Cristãos para contar os dias da semana a exemplo dos Judeus, que os contavam a partir do Sábado. Santo Agostinho exortou a que se evitasse a designação profana dos dias da semana e se optasse pela terminologia cristã de *feria*, a partir do primeiro dia da semana, o Domingo, o dia do Senhor, pois foi nesse dia que o Senhor ressuscitou. O Português é a única língua que ainda mantém, na designação dos dias da semana, a palavra *feria* > feira, facto que se atribui à persistência evangelizadora de S. Martinho de Braga. Vd. Costa 1999: 141 e bibliografia aí indicada.

síncope do *i*-breve pós-tónico com abrandamento da velar surda para a respectiva sonora) > **Domingo**. Verificamos que as línguas da Península Ibérica fazem derivar a sua forma de *dies*, enquanto género masculino.

Já no italiano, a palavra equivalente **Domenica** explica-se a partir do feminino: *Dominica(m)* > *domeneca* > *domenica*. O *i*-breve passa a *e*; o *e* pós-tónico fecha para *i*, quando provém de um *i*-breve átono latino<sup>11</sup>. O romeno é menos complexo nas regras evolutivas: **Duminica**.

Podemos, então, a partir do resultado evolutivo nas línguas românicas, estabelecer a seguinte relação geográfica: da França e da Córsega para Oriente, o substantivo *dies* era sentido como feminino. Para Ocidente, tinha o género masculino.

Assim se explica como “Domingo”, em português, evoluiu do latim e significa “(dia) do Senhor”.

## BIBLIOGRAFIA

- Costa, A. J. (1999), “Dia da semana”, *Enciclopédia Verbo LusoBrasileira de Cultura. Edição Século XXI*, vol. 9, LisboaSão Paulo.
- Kretschmer, P. (1909), ‘Zu griechischen und lateinischen Wortforschung’, *Glotta* 1: 323–33.
- Leite de Vasconcellos, J. (1911), *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa.
- Mohrmann, C. (1958), *Études sur le latin des chrétiens*, (Vol. 1: Le latin des chrétiens), Roma.
- Väänänen, V. (1981), *Introduction au latin vulgaire*, 3<sup>ème</sup> ed., Paris.
- Wackernagel, J. (2009), *Lectures on syntax* (ed. D. Langslow), Oxford.

---

<sup>11</sup> Já o francês – *Dimanche* – e variantes (Normando, Valão, etc.) provêm de uma forma sincopada de \**diedominica* (> \**diaminica* > *dimanche*). Cf. Leite de Vasconcellos 1911. Daqui provém ainda o catalão *Diumenge*.

